SILVA, Kézia Viana da; FERNANDES JÚNIOR, Antonio. Identidades transexuais: discursos, verdades e estratégias de resistência frente aos dispositivos padronizadores da subjetividade. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 2, n 1, p. 145-162, 2021. (ISSN: 2317-1006 - online).

IDENTIDADES TRANSEXUAIS: DISCURSOS, VERDADES E ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA FRENTE AOS DISPOSITIVOS PADRONIZADORES DA SUBJETIVIDADE

TRANSSEXUAL IDENTITIES: DISCOURSES AND TRUTHS OF RESISTANCE TO THE STANDARDIZING DEVICES OF SEXUALITY

Kézia Viana da Silva[1]
Antonio Fernandes Júnior[2]

Resumo: Pelo presente texto objetivou-se analisar os relatos proferidos pelos sujeitos transexuais da série televisiva "Liberdade de Gênero" (2016), do canal GNT, afiliada à Rede Globo. O nosso objetivo pautou-se no mapeamento das regularidades discursivas presentes nos relatos dos sujeitos transexuais, sobretudo, ao afirmarem e se posicionarem diante das identidades de gênero assumidas por estes sujeitos e as implicações ocasionadas ao não se reconhecerem perante o discurso corrente ligado ao sexo biológico. Partiu-se de uma perspectiva da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, acionando os conceitos de discurso, dispositivo e relações de poder em Michel Foucault (2015), juntamente com os apontamentos de Tomaz Tadeu da Silva (2014), em relação aos conceitos de identidade e diferença, contemplados pelos Estudos Culturais.
Palavras chave: Discurso; Dispositivo de Poder; Identidade de Gênero.

Abstract: The purpose of this text was to analyze the reports given by the transsexual subjects from television series "Liberdade de Gênero" (2016), from the GNT channel, affiliated with Rede Globo. Our objective was based at mapping of discursive regularities present in the reports of transsexual subjects, especially when they affirmed and positioned themselves in front of the gender identities assumed by these subjects and the implications caused by not recognizing themselves in the current discourse linked to biological sex. It was based on French Discourse Analysis (AD) perspective, operating the concepts of discourse, device and power relations in Michel Foucault (2015), together with the notes of Tomaz Tadeu da Silva (2014), in relation to the concepts of identity and difference, contemplated by Cultural Studies
Keywords: Discourse; Power devices; Gender identity.

Considerações iniciais

Em nossa sociedade contemporânea é possível observar uma crescente manifestação de comportamentos e vivências de diferentes tipos de sujeitos, que vêm ganhado espaço e visibilidade a partir de uma mudança nas discussões de políticas identitárias, cujo crescimento se efetivou a partir do final da década de 1960, com as ações produzidas nos movimentos de contracultura, feministas, gays, negros e afins, que

[1] Graduanda em Letras Português pela Unidade Acadêmica de Letras e Linguística (UALL/UFCAT). E-mail: keziaviana231@gmail.com
[2] Professor dos cursos de Graduação em Letras e Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). E-mail: tonyfer@uol.com.br

lutaram por espaço e afirmação de novas subjetividades fora do padrão hegemônico. Essa modificação abrange tanto os campos culturais, sociais, econômicos, como também sobreveio ao campo da sexualidade, a partir do qual se pode falar em diversidades culturais e identitárias. Tal heterogeneidade possibilitou que vozes de indivíduos, outrora inexistentes ou sem visibilidade social, fossem ouvidas, possibilitando, dessa forma, (re) afirmar e reivindicar suas existências enquanto sujeitos e cidadãos.

Embora a atmosfera dessas últimas décadas do século XX tenha propiciado um novo olhar para com a diversidade, ainda existe uma onda crescente de discursos e práticas sociais que fomentam a intolerância para com os diferentes, discursos estes que vão ao encontro dos modos de vivência padronizados e dos valores heteronormativos. Trata-se de determinados discursos que se apoiam no sistema binário de gênero, em discursos do campo científico, como também em alguns discursos religiosos. Assim, são endossados padrões universais que sobrepõem à diversidade sexual, alocando-a, dessa forma, aos campos da anormalidade ou da patologização.

É nesse ínterim que este trabalho retoma e aprofunda as discussões elaboradas pelo projeto "Discurso e construção de identidades de gênero a partir de relatos de sujeitos transexuais". Com isso, buscamos uma ampliação dos fatores elencados no projeto anterior, no qual tencionamos refletir sobre o funcionamento da construção social e das práticas discursivas que incidem sobre as identidades "trans[3]" em relação aos discursos padronizadores que insistem em enquadrá-la no campo do binarismo de gênero.

Na esteira dessa discussão, buscamos analisar as regularidades enunciativas dos discursos dos sujeitos "trans", produzidas na série "Liberdade de Gênero", que, ao relatarem as implicações e realizações no processo de transgeneridade, se posicionam como sujeitos de uma identidade de gênero oposta aos discursos heteronormativos.

Tencionamos compreender, a partir do discurso identitário, as "verdades" inscritas em seus discursos e em seus corpos, e como tais práticas produzem novas formas de vivência no campo da sexualidade. Para tanto, serão desenvolvidas as análises de recortes da série "Liberdade de Gênero", programa da GNT, afiliada à rede

[3] Conforme Aguiar e Quadrado, o termo "trans" abrange categorias como: transgênero, transexual, travesti etc.; portanto, por ser um termo 'guarda-chuva', usaremos para este estudo o termo proposto

Globo que, criada e direcionada pelo cineasta João Jardim, dá visibilidade a narrativas de diferentes sujeitos "trans" (mulher-trans, homem-trans e sujeitos não binários), que, ao serem entrevistados, relatam, com sensibilidade e coragem, as situações de conflitos e desafios encontrados ao assumirem e expressarem uma identidade de gênero diferente do sexo de nascimento e como isso produz discursos que os constituem em suas experiências, vivências e trajetórias na sociedade.

Como se trata de uma série televisiva, que contém aproximadamente doze episódios, optamos pela análise de um único episódio, cujo foco recai sobre relatos de um time de futebol de homens "trans", sobre o qual abordaremos mais adiante. Tal escolha se justifica por ser um dos poucos episódios que retratam o cotidiano de sujeitos marcados por condições financeiras menos abastadas, contrária aos demais episódios que entrevistam pessoas, em sua maioria, de condição social mais favorecida, tais como advogados, filósofos, dentre outros. Em parte dos relatos do episódio "Meninos bons de bola", muitos sujeitos declararam que não se suicidaram porque encontraram, nesse projeto, acolhimento e apoio para viverem a identidade de gênero na qual se reconhecem e pretendem viver socialmente.

Fazer este tipo de estudo torna-se pertinente uma vez que, segundo dados apontados pela ONU em consonância com a ONG *Transgender Europe*, o Brasil é o país que apresenta o maior índice nas taxas de violência e homicídios em relação à população "trans". Tais dados mostram que "Uma pessoa é assassinada a cada 27 horas no Brasil por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero, colocando o país no topo do ranking de países que registram mais agressões contra pessoas LGBTQI+." E ainda, pesquisas apontam que somente em 2018, a Associação Nacional de Travestis e Pessoas Trans (ANTRA) registrou um total de 163 casos de homicídios de pessoas transexuais no país, no qual a maioria dos homicídios foram direcionados às pessoas "trans" do gênero feminino.

O caminho percorrido para a realização deste trabalho pautou-se nos conceitos da Análise de Discurso (AD), de linha francesa, no qual foram acionados os estudos de Michel Foucault para reflexões teórico-metodológicas, visando compreender as noções de discurso, dispositivo de poder e produção de subjetividade. Nessa perspectiva, nossa reflexão recai sobre as práticas discursivas engendradas na série apontada, partindo do conceito de enunciado, como unidade mínima do discurso, sendo aquilo que foi

efetivamente dito. Dessa maneira, pretendemos assinalar o momento de sua emergência e as relações construídas com outros enunciados, discursos e embates sociais no campo indenitário.

Acionaremos, também, os estudos de Tomaz Tadeu da Silva (2014), a fim questionar o funcionamento da construção social das identidades, definida como um produto cultural, construída por discursos e atravessada, historicamente, por relações de poder. Assim, compartilhamos das problematizações elencadas por este autor quando considera que "a identidade e diferença não são, nunca, inocentes" (SILVA, 2014, p. 81). Sendo criações discursivas, a identidade e a diferença estão sujeitas as relações de poder, cujos conflitos acionam formas classificatórias, produzem fronteiras em torno de oposições binárias, obedecendo sempre à lógica a partir da identidade (normal) para delimitar a diferença (anormal).

Pretendemos, em suma, a partir dessa problematização discursiva, elencar e refletir sobre os discursos que temem e rejeitam a (re)definição e a (re)discussão dos diferentes modos de vivenciar as identidades de gênero construídas historicamente, além de observar como os dispositivos de poder atuam nas práticas discursivas dos sujeitos trans, no tocante aos processos de transgeneridade.

Discurso, dispositivo de poder, identidade e diferença no campo da transgeneridade.

Entendemos por discurso um conjunto de enunciados efetivos (verbais e não verbais) que não se limita a uma análise gramatical, o texto pelo texto, tampouco corresponde à intencionalidade do autor; analisar discurso é compreender a configuração histórica que possibilitou seu funcionamento, assinalar as conexões com outros discursos, refletir o que possibilitou sua singular existência, com vista a compreender o que os sujeitos dizem e como dizem em um determinado momento histórico. Nesse sentido, Foucault (2008) nos orienta a captá-lo em seu despontar, no precipitar do seu acontecimento, para que possamos buscar na dispersão de seu aparecimento o seu funcionamento e as regras de sua emergência. Assim, o discurso não se limita em uma análise intratextual -somente gramatical-; ou na busca das intenções dos falantes ou dos autores. Foucault (2008) explica que:

> A análise do campo discursivo é orientada de forma inteiramente diferente; trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência; de fixar seus limites da forma mais justa; de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação excluem (FOUCAULT, 2008, p. 29-30).

Entende-se que uma análise de discursos, por essa via, não é aplicada isoladamente, e sim articulada com discursos que lhes antecederam ou com os quais se relaciona; como também aos que lhe são atuais. Em síntese, os enunciados são os "nós" em uma rede discursiva, cuja ligação permite vincular-se a discursos outros em um dado momento de tempo e lugar.

Levando em consideração os elementos supracitados, este estudo pauta-se na noção de função enunciativa que, de acordo com Foucault (2008), trata de uma análise dos processos históricos sobre aquilo que foi efetivamente dito (discursos dos sujeitos "trans" ao relatarem a não aceitação do sexo biológico e consecutivamente a identificação como gênero do sexo oposto); possui uma materialidade, um suporte que possibilita a circulação dos discursos -verbal ou imagética (a série televisiva "Liberdade de Gênero); um referencial sobre aquilo de que se fala (Identidade de gênero de sujeitos "trans"); um status que liga um enunciado a redes discursivas, cuja sua utilização e reiteração possa sofrer modificações possíveis no dado momento histórico. Com isso, o enunciado pode ter sua identidade afirmada ou negada, mantida ou anulada.

Isto posto, ao analisar os discursos, nos apoiaremos no conceito de regularidade em Foucault (2008), que se refere ao conjunto de diferentes enunciados cujas formas não são fixas, no qual visa estabelecer quais são os discursos que, mesmo articulados em dado momento de tempo e espaço diferente, materializados em suportes diversos, pensados de modos diferentes, remetem ao mesmo objeto discursivo. Logo, tais regularidades, ao serem pensadas para o estudo proposto, nos possibilitará refletir sobre os posicionamentos dos sujeitos "trans", principalmente por se reconhecerem em uma identidade de gênero que não corresponde com o sexo biológico, além de nos auxiliar a identificar quais são as conexões e os embates produzidos com outros discursos que, ora acolhem, ora subjugam os diferentes modos de expressão de gênero.

Foucault (2012), no livro *Microfísica do poder*, explana sobre o conceito de dispositivo de poder e sua função metodológica nos campos de saber e poder. Ao ser

questionado sobre esse conceito, por ocasião da publicação do livro *História da sexualidade I* o autor explica:

> Por esse termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 2012, p. 364)

A partir de tais pontuações, podemos compreender o dispositivo de poder como um conjunto heterogêneo de elementos que, em determinado momento histórico, emergiu como resposta a uma urgência histórica ou demanda de um tempo. Nesse ponto, o dispositivo vincula-se com as práticas discursivas e não discursivas, que produzidas nas relações de poder, e no/pelo discurso, atuam nos processos de subjetivação dos sujeitos.

Em nosso material de discussão, vamos nos deparar com os enfrentamentos dos sujeitos trans por reconhecimento e direito de exercerem a sua identidade de gênero, em contraposição a discursos, oriundos do campo social, que os classificam e os nomeiam a partir de enunciados como anormais ou aberrações sociais, para citar esses exemplos.

Em sua funcionalidade, os dispositivos atravessam o sujeito modificando-os em face dos diferentes campos de saberes e poderes que o (re)constituem. Carvalho e Sargentini (2017, p.30) discorrem que "uma das principais funções do dispositivo seria, consequentemente, a capacidade de atuar na produção de subjetividade" e ainda complementam: "são novos sujeitos que se formam a partir da relação com os dispositivos". Tal reflexão nos possibilita pensar os dispositivos que atuam no campo da transgeneridade em duas instâncias: no primeiro momento, têm-se os dispositivos que naturalizam a identidade e, consecutivamente, padronizam as questões que envolvem o binarismo de gênero, como por exemplo, os discursos, em sua maioria, científicos que delimitam as identidades de gênero em função do sexo biológico (mulher-vagina, homem-pênis), além dos discursos morais que baseiam-se em pressupostos religiosos e da representação da família tradicional, configurada a partir de um imaginário marcado pelo binarismo de gênero. Dessa forma, tais dispositivos incidem sobre os corpos

"trans" classificando-os como abjetos, situando-os no campo da anormalidade, pois escapam do modelo binário indicado.

Nesse cenário de não aceitação, as identidades sociais que fogem do binarismo de gênero tornam-se subversivas e perigosas, sobretudo aos olhos dos segmentos conservadores, pois podem alterar o status quo e, consequentemente, criar pânicos morais ao desestabilizarem as "verdades universais", produzidas pelos dispositivos padronizadores.

Em decorrência desse imaginário, categorias como a identidade de gênero – que corresponde ao modo como um sujeito se reconhece e reconhece o(s) outro(s), independente do sexo biológico-; e orientação sexual – que entende-se como sendo atração sentimental/sexual que um sujeito sente por outro do mesmo sexo ou não-; são marcados, pejorativamente, como "ideologia de gênero", enunciado muito acionado por discursos conservadores que temem a derrocada da família tradicional, constituída de pais heterossexuais e filhos provindo de tal relação, e, como consequência, temem que os ideais da comunidade LGBTIQ+, visto por muitos como "ditadura gay", possa também ameaçar o pilar de sustentação do modelo familiar, referida acima.

No segundo momento, têm-se os dispositivos que atuam na formação e manutenção das identidades de gênero, tais como a possibilidade de mudar o nome social dos registros de nascimento e, sobretudo, das identidades sem a realização de cirurgia de redesignação de gênero. Essa ação foi formulada em maio de 2019 pelo Supremo Tribunal de Justiça (STF), além da retirada da homossexualidade e identidade de gênero do CID (Classificação Internacional de Doenças).

Nessas confluências de dispositivos de poder e saber em disputa, que tanto marcam as fronteiras discursivas entre os gêneros, negando a existência dos sujeitos "trans", quanto atuam como fomentadores dos modos (re)existência dos mesmos, ao produzir leis que auxiliam na construção e afirmação de subjetividades. O que é colocado em jogo são as "verdades" inscritas nos discursos e dispositivos de saber-poder que emergem diante do campo da transgeneridade. Tal questão vai ao encontro das discussões de Foucault (2012), quando discorre que

> A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que

> ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2012, p. 52)

Trata-se, dessa maneira, dos modos de estratégias, das lutas e dos combates exercidos pelo funcionamento dos mecanismos de poder, esta "maquinaria social", no qual são delimitados e postos em práticas os discursos aceitos e, consecutivamente, proliferados por determinado campo de saber. Nesse jogo estratégico, no qual as relações de poder são marcadas por disputas, as práticas discursivas, que envolvem os processos de transgeneridade, constituem um espaço profícuo para embates, desafios e lutas para os sujeitos transexuais, ou não. É nesse espaço de lutas que os discursos das ciências biológicas, psicológicas, psiquiátricas e psicanalíticas (psi), dos discursos moralizantes, e tantos outros, atuam como moduladores da verdade e do destino dos sujeitos" trans".

Em diálogo com essas questões, colocamos em cena os estudos de Tomaz Tadeu da Silva (2014), sobre Identidade e Diferença, como forma de analisar os modos díspares que constituem os processos simbólicos e discursivos no campo da identidade e diferença. Segundo o autor, esses conceitos são formas classificatórias que determinados segmentos da sociedade usam para atribuir poderes a um dado grupo social. Nesse processo, há sempre a hierarquia da identidade para definir a diferença. Com isso, ao delimitar uma identidade, são acionados e atribuídos a ela um conjunto de fatores positivos consolidando, dessa forma, seu valor unitário e hierárquico.

Em contraponto, a diferença configura-se como o exterior, aquilo que é deixado de fora em um processo classificatório, porém, apesar deste enquadramento de exterioridade, a diferença é necessária, na medida em que é acionada, como um apoio e uma referência para a (re)afirmação da identidade. Ainda segundo o autor, "a identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade" (SILVA, 2014, p. 83, grifos do autor). Nesse sentido, a identidade e diferença são consideradas criações culturais e linguístico-discursivas, por meio das quais o processo de fixação da identidade é entendido na forma de classificações binárias, ou seja, de classes polarizadas na qual uma recebe uma carga positiva e a outra negativa.

Nesse processo de qualificação das identidades, a identidade "natural" atua como um dispositivo de poder que atravessa os corpos dos sujeitos, marcando-os, classificando-os, atribuindo privilégios e recebendo "valor positivo", e as demais designadas por valores negativos, fora do padrão. Diante desse fato, o que está em jogo nessa separação identitária e social são os direitos humanos e de cidadania que, ao serem negados aos sujeitos que fogem desse binômio masculino e feminino, acabam por ocasionar tanto a exclusão social desses sujeitos como o direito de existir enquanto tal. São esses pontos que interessam ao presente texto, a partir dos quais pretendemos estender as discussões para análise da série "Liberdade de Gênero", que será tratada na sequência.

Liberdade de Gênero e os Meninos Bons de Bola

"Meninos bons de bola" integram um dos doze episódios exibidos pela série "Liberdade de Gênero", do canal GNT (2016). Trata-se do primeiro time de homens transgênero do Brasil, criado por Raphael H. Martins (assistente social e integrante do time) que, diante dos obstáculos encontrados em sua trajetória ao tentar integrar um time de futebol masculino (cis), decidiu elaborar um espaço no qual pudesse acolher um time de futebol constituído apenas por homens transgênero.

Ao criar esse espaço esportivo, a ideia, *a priori*, era formar um time de futebol no qual outros meninos "trans", que partilhavam dos mesmos obstáculos de inserção social, pudessem praticar o esporte em um time que os reconhecesse em sua identidade de gênero. Superando as expectativas, o projeto acabou exercendo um papel humanizador, no qual os integrantes se (re)conhecem e se aceitam em suas identidades de gênero, compartilhando seus desejos, sentimentos, frustrações e conquistas, diante dos modos de subjetivação heteronormativos impostos por alguns setores da sociedade.

Em uma entrevista concedida à revista RevistaTrip, os integrantes do time reforçam a importância do projeto, uma vez que, questões de extrema relevância como as diversas formas de expressar a masculinidade são debatidas entre o grupo. Com isso, o projeto visa ampliar as noções basilares da construção da identidade masculina, problematizando as categorias de masculinidade tóxica e o machismo dentro e fora do

campo futebol. Na época da entrevista (2016), o time contabilizava um total de vinte e cinco homens-trans que participavam do projeto, além de contar com o apoio da psicóloga Moira, especialista em atendimento psicológico para a emissão de documentos de retificação de nome e gênero, e também com as orientações da advogada Iara, para um melhor entendimento sobre os direitos que dispunham os integrantes do time.

Partindo para as análises dos fragmentos selecionados, serão apresentados os depoimentos dos sujeitos "trans" em dois tópicos. O primeiro tópico corresponde aos relatos sobre a construção social e discursiva no campo da transgeneridade, nos quais os participantes Raphael, de trinta anos; Cláudio (Vovô), de quarenta e três anos e Guilherme, de vinte e dois anos, relatam a não identificação com o sexo biológico e as implicações (integração social) que enfrentaram diante dessa negação identitária. O segundo tópico traz à luz os discursos que refletem como o projeto "Meninos bons de bola" atuou como dispositivo de poder nos processos de construção da identidade e subjetividade dos sujeitos "trans". Vale ressaltar que foi a partir desse projeto que alguns integrantes se aceitaram e se reconheceram como homens "trans".

Discursos da não aceitação do sexo biológico e construção da identidade de gênero

Os discursos proferidos pelos sujeitos "trans", nos fragmentos abaixo, respeitam as seguintes sequências: os fragmentos ligados aos posicionamentos voltados para a não identificação vinculada ao sexo biológico e, consequentemente, a não aceitação dos discursos padronizadores de gênero. E em seguida, os fragmentos que se relacionam com os posicionamentos dos integrantes do time ao se reconhecerem em um gênero oposto e as implicações desses posicionamentos.

Dessa forma, pretende-se analisar, em um primeiro momento, as regularidades dos discursos nos fragmentos selecionados, e, na sequência, refletir sobre os modos de subjetivação condicionados pelos dispositivos de poder que se inscrevem nos relatos dos sujeitos transgêneros. A seguir, serão apresentados os fragmentos analisados, com os respectivos sujeitos de fala, obedecendo à ordem supracitada dos enunciados.

Enunciado 1 - Raphael: “É muito ruim você não mostrar o que você é realmente... é como se você tivesse usando uma máscara, sabe?!".
Enunciado 1- Raphael: “O que fez mais eu seguir mesmo a transição foi, primeiramente, eu aceitar o meu corpo, porque eu nasci nesse corpo. Eu tinha que aceitar ele pra depois eu começar a me transicionar.”
Enunciado 2 - Cláudio: “Eu tive que aceitar essa vida até chegar a minha adolescência, e com dezoito anos eu tive que sair de casa porque eu não aguentava mais a pressão de todo mundo querer que eu fosse menina... e eu, eu não era uma menina!”.
Enunciado 2 - Cláudio: “Cara, eu nasci assim, eu sempre quis ser menino. Hoje, se me perguntarem: você é trans? - Eu sou um homem trans.”
Enunciado 3 - Guilherme: “(...) Porque lésbica se aceita no corpo que ela tem e acabou. Eu não, eu nunca me reconheci”
Enunciado 3 - Guilherme: “Eu não sabia nem que tinha essa possibilidade de eu conseguir ser o que eu sempre me imaginei, que eu sempre me vi”

Podemos observar, em um primeiro momento, que os fragmentos partilham de semelhanças do ponto de vista discursivo e posicionamentos no que toca ao não reconhecimento com o sexo biológico, com isso, percebe-se que as regularidades apreendidas nessas três sequências enunciativas, apresentam pontos de confluência pois, mesmo não partilhando de semelhanças lexicais, ou não sendo proferidas no mesmo tempo e espaço - uma vez que, ainda que os integrantes participem do mesmo projeto, as entrevistas foram feitas isoladamente-; remetem ao mesmo campo discursivo, isto é, ao mesmo sentimento de não pertencimento para com o gênero feminino, ou seja, ao sexo biológico de cada um.

Ao recortamos os enunciados: “É muito ruim você não mostrar o que você é realmente” / “E eu, eu não era uma menina!” / “Eu não, eu nunca me reconheci”; podemos observar que o que está em jogo são as práticas de negação aos modos padronizadores de subjetividade. Tais enunciados rompem com as barreiras simbólicas

e culturais ao resistirem a discursos essencialistas de gênero, (re)inventando outras formas de vivenciar suas sexualidades.

Segundo Foucault (2014), só é possível existir relações de poder onde houver práticas de resistência, caso contrário, há apenas obediência. Para o autor, a resistência configura-se para além de uma negação, atuando, dessa forma, como um dos atos mais sutis de resistência. Nesse sentido, Foucault (2014, apud da PAIXÃO, 2017, p. 257) discorre que "dizer não constitui uma forma mínima de resistência". Mas naturalmente, em alguns momentos, é muito importante. É preciso dizer não e fazer desse não uma forma de resistência decisiva." O processo de negação aos discursos ligados ao sexo biológico, indicado nos depoimentos, são postos em prática e se configuram como estratégias de resistência, cuja função possibilita novos modos de criação e transformação dos modelos de sujeição produzidos pelos dispositivos de poder e saber que padronizam as identidades de gênero. Ao negarem a identidade imposta, é possibilitado aos sujeitos "trans" vivenciarem outros modos de subjetivação e, com isso, expressarem suas identidades enquanto tal, se constituírem como sujeitos de uma identidade na qual se reconhecem e vivem.

Observando os fragmentos dos enunciados: 1) Raphael: "Eu tinha que aceitar ele para depois eu começar a me transicionar"; 2) Cláudio: "Cara, eu nasci assim, eu sempre quis ser menino. Hoje se me perguntarem: você é trans? - Eu sou um homem trans"; 3) Guilherme: "Eu não sabia nem que tinha essa possibilidade de conseguir ser o que eu sempre me imaginei, que eu sempre me vi"; podemos observar, em tais recortes enunciativos, uma reivindicação de existência desses sujeitos diante da identidade de gênero que lhes constitui. Ao assumirem esse lugar de fala, esses sujeitos defendem posições que dizem sobre seus corpos e posicionamentos.

Segundo Foucault (2012), a "verdade" é entendida não como sentido estrito da palavra, mas sim através de regras nas quais se distingue às proposições verdadeiras das falsas. O autor elucida que por verdade entende-se um conjunto de técnicas e estratégicas que possibilitam o pronunciamento e, consecutivamente, a validação de discursos proferidos, em um dado momento, como verdadeiros. Em consonância com esses fatos, podemos observar que os sujeitos trans questionam os sistemas de binarismo de gênero e o fazem partindo das "verdades" inscritas em seus corpos, em suas subjetividades, rejeitando os discursos padronizadores vinculados à

heteronormatividade. Entretanto, a reivindicação, e consecutivamente, a circulação e o funcionamento de tais identidades trazem consequências, visto que, as identidades são "capturáveis", isto é, configuram-se como armadilhas a partir das quais os dispositivos de poder binários agem. Tais dispositivos atuam na tentativa de capturar tais identidades, seja para normalizá-las e reintegrá-las a um sistema binário, seja para rejeitá-las, excluindo-as dos diversos campos sociais. Por esse motivo, as resistências precisam ser inventivas e criativas, remodelando-se a cada nova estratégia de captura, criando linhas de fuga aos modos de captura e, também, das práticas de violência que atingem esse grupo.

De acordo com Foucault (2015, p. 47) "esta nova caça às sexualidades periféricas provoca a incorporação das perversões e nova especificação dos indivíduos". Tal formulação vai ao encontro dos discursos que permeiam os campos científicos, de valores morais e religiosos, cuja articulação situa os sujeitos "trans" no campo da anormalidade, anulando, dessa forma, suas existências enquanto cidadãos e seres humanos, uma vez que, apenas os sujeitos enquadrados nos modelos de binarismo de gênero são reconhecidos como tal.

Nesse viés, é configurada uma "morte em vida" dos sujeitos que desafiam tais sistemas consagrados como padrão. Sobre essa questão, Foucault (2015, p. 148) assevera que "são mortos legitimamente aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros". Esse argumento se soma aos dados mencionados no início deste texto, quando foi indicado que o Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais no mundo.

Chama-se atenção para tais mortes, dado que, ao não possuir visibilidades nos meios de comunicação, tampouco geram revoltas na sociedade, acabam ocasionando uma validação para tal violência. Bento (2008, p. 127) aponta que "acaba-se produzindo uma hierarquia das mortes: algumas merecem mais atenção que outras". Paralelamente, são acionados enunciados como "ideologia de gênero", a fim de justificar a exclusão dos sujeitos "trans", uma vez que estes são vistos como ameaça à sociedade. Como consequência dessa expressão, são elencados um conjunto de fatores reducionistas e equivocadas que confundem o senso-comum sobre o campo da sexualidade.

"Meninos bons de bola" lido à luz do conceito de dispositivo de poder em Michel Foucault

Com a ideia de dispositivo em Foucault (2015), compreendemos que os processos da construção de subjetividade estão intimamente imbricados com os variados conjuntos heterogêneos - como leis, instituições, discursos entre outros-; cuja configuração se articula na e pelas relações de saber/poder, que por ele é criado e ao mesmo tempo condicionado. Pensando nisso, ao observar determinados relatos proferidos pelos integrantes do time "Meninos bons de Bola", percebemos como o projeto, - esse espaço de encontros e (re)encontros identitários-; atuou no auxílio da construção da identidade de gênero dos sujeitos participantes e nos discursos que os sujeitos do time assumem.

Alguns recortes de sequências enunciativas dos integrantes Arthur (18 anos), Pietro (21 anos); Guilherme (22 anos); e Perisato (27 anos) reiteram as discussões arroladas acima. Com isso, pretendemos fazer um mapeamento discursivo em tais enunciados a fim de evidenciar os processos de subjetivação e resistência produzidos no/pelo projeto "Meninos bons de Bola", conforme veremos a seguir:

Enunciado 1- Arthur: "O menino bom de bola surgiu pra mudar a vida de muitos transgêneros, não pelo fato de jogar futebol, mas sim pelo fato de ser muito unido. Porque quanto mais união, mais você tem apoio."
Enunciado 2 - Pietro: "Na época eu estava procurando um emprego, o meu currículo ainda estava como Raissa, e isso era uma parte ruim, neh?! – Ué, você quer se transicionar, mas você não quer mostrar – isso daí tava faltando, falta de atitude da minha parte-; sua verdadeira identidade? É uma experiência boa que eu aprendi no time"
Enunciado 3- Guilherme: "Comecei a me reconhecer quando eu conheci o time mesmo, foi quando eu falei: - Nossa, o que é transgênero?
Enunciado 4- Perisato: "O espaço do futebol, do esporte é muito interessante. Mas é muito importante também a gente ter um momento pra parar e refletir: quem somos

nós? E o que a gente tá fazendo aqui?”

Como ponto de partida, podemos analisar tais enunciados como pertencentes ao mesmo campo discursivo, no qual os discursos se encontram e se afirmam. Os discursos compartilham do mesmo sentimento de acolhimento e identificação encontrados no time. São posicionamentos que mostram os discursos que constituem esses sujeitos, inscritos em dispositivos de poder, vinculado a saberes do campo da sexualidade, marcados por uma demanda de ser e viver o que se é, ou seja, um dispositivo formado por discursos, cuja força se volta contra outra faceta do dispositivo, marcado pelo binarismo de gênero. Se de um lado temos um movimento de afirmação da diferença, de outro, temos um espaço de captura. São relações de poder em disputa no campo da sexualidade.

Ao discutirem o conceito de dispositivo de poder em Foucault, Carvalho e Sargentini (2017, p.32) reiteram a necessidade de dar ênfase ao discurso, “que deve ser visto tanto como produtor de dispositivo quanto atravessado por eles”. Nesse sentido, as relações entre discurso/dispositivo são sempre de movimento, um pressupõe o outro, dizendo de outro modo, trata-se de práticas que produzem, apagam, transformam os sentidos a partir da linguagem. Não há dispositivos sem discursos e nem discursos que não esteja inscrito em um dispositivo de poder.

Ao analisar os fragmentos “Comecei a me reconhecer quando eu conheci o time mesmo” **(Guilherme);** “O menino bom de bola surgiu para mudar a vida de muitos transgêneros” **(Arthur)**; e “O espaço do futebol, do esporte é muito interessante. Mas é muito importante também a gente ter um momento para parar e refletir: quem somos nós? **(Perisato)**; podemos observar, a partir dessa articulação entre identidade e subjetividade, o projeto “Meninos bons de bola” como um espaço de questionamento do dispositivo que atravessa os sujeitos “trans” e proporciona momentos de reflexão e (re)afirmação de uma identidade de gênero, ao passo que também produz relações de resistência e liberdade, visto que, é nesse espaço que os sujeitos “trans” (re)criam, confrontam, constroem seus próprios modos de vivências. Ingressar em um time de futebol e na rede de discussões e apoio, promovida no e pelo grupo, faz com esses sujeitos se assumam enquanto sujeitos que vivem e expressam a identidade de gênero na

qual se reconhecem e a partir da qual se subjetivam. Esse espaço comunitário, gerado pelo grupo, promove o reconhecimento, a afirmação e a possibilidade de viver o que se é, dentro de políticas de vida, na qual essas vidas importam.

Considerações finais

A partir dos estudos mobilizados pela Análise do Discurso (AD), em consonância com os apontamentos sobre processos de construção de identidade e diferença, foi possível analisar e mapear as redes discursivas que possibilitaram as condições de existências dos discursos expressos pelos sujeitos "trans". Observamos, a partir das regularidades dos enunciados, como os discursos de negação e aceitação das identidades partilham de um mesmo campo discursivo, no qual as verdades, os desejos e as frustrações, expressas pelos sujeitos se assemelham.

Com isso foi possível observar como os dispositivos de poder atuaram no campo da transgeneridade, ora fomentando os processos de construção indentitária, ora anulando os modos de subjetividade e existência dos sujeitos que refutam o binarismo de gênero e suas práticas hegemônicas. E como tal processo tende a excluir os sujeitos "trans" dos diversos campos sociais, e consecutivamente, de viver em sociedade.

Compreendemos que as discussões voltadas para o campo da transgeneridade são recentes, nesse sentido, a população, em sua maioria, tende a não compreender ou a compreender de modo equivocado, pois não reconhece os discursos que viabilizam diferentes modos de viver determinada sexualidade. Esse foi um dos fatores que nos moveu na realização deste estudo, além, é claro, da série "Liberdade de Gênero" (2016), que aborda a temática com muito respeito e sensibilidade, dando visibilidade às vivências dos sujeitos transexuais conjuntamente com os relatos de familiares e amigos que acompanham os trajetos percorridos por esses sujeitos que não se identificam com os discursos marcados pelo binarismo de gênero.

Concluímos, a partir das análises enunciativas, que, apesar das crescentes manifestações de dispositivos de poder e saber, que atuam em favor dos modos de identificação e vivências dos sujeitos que refutam o binarismo de gênero e suas práticas hegemônicas, infelizmente, ainda existem práticas discursivas que vão de encontro com

tais pluralidades. Cultivou-se no imaginário do senso-comum a visão do sujeito "trans" como algo a ser repelido, ou readequado nas normas padronizadas vigentes da sociedade, a fim de manter uma "ordem" nas práticas sociais naturalizadas historicamente. No entanto, os relatos dos sujeitos estudados demonstram que é possível resistir e se reinventar de acordo com a identidade de gênero assumida e vivida, em oposição às práticas de poder padronizadoras. Este é um trabalho cuja temática possibilita uma continuidade e aprofundamento dos estudos elencados, partindo de diferentes perspectivas e resultados, e tendo como finalidade a reflexão e o respeito para com as diferenças.

Referências

AGUIAR, Márcio Mucedula; FERREIRA, Camila Camargo. **Ideologia de gênero:** pânicos morais, silêncios tagarelas e a (re)produção de normas binárias de gênero. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/8838/4641. Acesso em 16/02/2021

AGUIAR, Thais Geraldo Oliveira; QUADRADO, Raquel Pereira. Analisando significados de transgeneridade na série Liberdade de Gênero. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499394461_ARQUIVO_Thais_ArtigoFG.pdf. Acesso em: 18/04/2021

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade?** – São Paulo: Editora Brasiliense, 2008 (Coleção primeiros passos 328).

DA PAIXÃO, Humberto Pires. **Resistência e poder no dispositivo da moda.** Goiânia, 2017. Disponível em: http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/7374. Acesso em: 16/02/2021

FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). **Discursividades contemporâneas:** política, corpo, diálogo. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SOUSA, Kátia Menezes (org.). **Dispositivos de poder em Foucault:** práticas e discursos da atualidade, 2ª ed. catalão: Editora Letras do Cerrado, 2017.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio; SILVA, Kézia Viana da. **Identidade trans:** discursos de resistência aos processos de normalização do corpo e da subjetividade. Lingua(gem) e multiculturalismo: Estudos Linguísticos. Rio de Janeiro: Bonecker, v. 1. 308-321 pp.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Especialista da ONU alerta para exclusão estrutural da população trans. Disponível em: https://nacoesunidas.org/especialista-da-onu-alerta-para-exclusao-estrutural-da-populacao-trans/. Acesso em 18/04/2021

Portal da Série Liberdade de Gênero. Disponível em: https://globosatplay.globo.com/gnt/liberdades-de-genero/. Acesso em 21/07/2019

Programa de Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Disponível em: https://antrabrasil.org/. Acesso em: 18/04/2021

Programa Brasil sem Homofobia (2011). Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf. Acesso em 16/02/2021.

SAMPAIO, Simone Sobral. **Foucault e a resistência.** Goiânia: Ed. da UFG, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011

REVISTA TRIP. **Meninos bons de bola.** Disponível em: https://revistatrip.uol.com.br/trip/webstories/meninos-bons-de-bola. Acesso em: 18/04/2021

REVISTA VEJA. **7 conquistas – e um grande desafio – dos LGBT nos 20 anos.** Disponível em: https://veja.abril.com.br/ciencia/7-conquistas-e-um-grande-desafio-dos-lgbt-nos-ultimos-2-anos/. Acesso em 18/04/2021.

Recebido em dezembro de 2020.

Aceito em fevereiro de 2021.